

Associação entre amamentação na primeira hora de vida e aleitamento materno exclusivo aos 3 e 6 meses

Association between breastfeeding in the first hour of life and exclusive breastfeeding at 3 and 6 months

Isabela Lorencini Santos¹, Keila Mascarello¹

Resumo

O aleitamento materno na primeira hora de vida é recomendado pela Organização Mundial de Saúde como uma importante ferramenta para a promoção, proteção e suporte à amamentação do recém-nascido. Diante da importância de promover o aleitamento materno, prestar assistência de enfermagem qualificada e capacitar profissionais para assistência adequada ao processo de amamentação é desenvolvido o projeto de extensão “Bebê que mama: orientações e cuidados em amamentação”. Objetivo: Este estudo tem como objetivo estimar a associação entre a via de parto e amamentação na primeira hora de vida e o aleitamento materno exclusivo aos 3 e 6 meses e promover intervenções práticas e educativas que possam ser aplicadas no dia a dia durante a assistência ao aleitamento materno, beneficiando diretamente as mães e bebês atendidos, buscando soluções eficazes e sustentáveis para melhorar a saúde materno-infantil. Estudo do tipo coorte prospectiva, onde 112 recém-nascidos foram acompanhados ao nascimento, 3 e 6 meses de vida. 32,14% dos bebês não foram amamentados na primeira hora de vida, a maior parte destes nascidos de cesárea. A via de parto vaginal e ser amamentado na primeira hora de vida esteve associado a maiores prevalências de aleitamento materno exclusivo aos 3 e 6 meses de vida. A amamentação na primeira hora de vida foi dificultada pela via de parto e a não amamentação precoce prejudica a duração do aleitamento materno exclusivo, demonstrando a importância da intervenção profissional sobre esse importante determinante do sucesso da amamentação.

Palavras-chave: Aleitamento materno. Período pós-parto. Comportamento materno; Epidemiologia.

Abstract

Breastfeeding within the first hour of life is recommended by the World Health Organization as a crucial tool for promoting, protecting, and supporting newborn breastfeeding. In light of the importance of promoting breastfeeding, providing qualified nursing care, and training professionals for adequate breastfeeding support, the extension project “Bebê que mama: orientações e cuidados em amamentação” was developed. This study aims to estimate the association between the mode of delivery and breastfeeding within the first hour of life, as well as exclusive breastfeeding at 3 and 6 months, and to promote practical and educational interventions that can be applied in daily breastfeeding support. This is a prospective cohort study, where 112 newborns were followed at birth, and at 3 and 6 months of age. 32.14% of babies were not breastfed within the first hour of life, with most of these being born via cesarean section. Vaginal delivery and breastfeeding within the first hour of life were associated with higher prevalence rates of exclusive breastfeeding at 3 and 6 months. Breastfeeding within the first hour of life was hindered by the mode of delivery, and the lack of early breastfeeding negatively affected the duration of exclusive breastfeeding. This highlights the importance of professional intervention on this key determinant of breastfeeding success.

Keywords: Breastfeeding. Postpartum Period. Maternal Behavior. Epidemiology.

¹ Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo. São Mateus/ES, Brasil.

Correspondência
keilamascarello@gmail.com

Direitos autorais
Copyright © 2025 Isabela Lorencini Santos, Keila Mascarello.

Licença
Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Submetido
27/3/2025

Aprovado
29/9/2025

ISSN
2316-2007

INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde (MS) brasileiro, seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), aconselha o aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de idade, sendo complementado posteriormente por uma alimentação diversificada baseada em alimentos *in natura* (Brasil, 2019). Além de prevenir doenças infecciosas, as crianças amamentadas apresentam menos problemas de má oclusão dentária, maiores níveis de inteligência, menores chances de sobrepeso e diabetes no futuro (Victora *et al.*, 2016) e um risco reduzido de alergias respiratórias e alimentares (Brasil, 2015). Para as mães, o aleitamento materno previne contra o câncer de mama e ovário, sendo maior a proteção quanto maior o tempo de amamentação, reduz o risco de diabetes e aumenta o intervalo entre partos (Victora *et al.*, 2016).

Além dos benefícios amplamente conhecidos, o leite materno não gera custos financeiros para as mães e famílias, estando disponível a qualquer hora e lugar. Por outro lado, a introdução precoce de substitutos artificiais do leite materno gera um custo financeiro que muitas famílias não conseguem sustentar a médio e, frequentemente, a curto prazo. Isso resulta na introdução precoce de alimentos inapropriados para o bebê, como mingaus e leite de vaca, com todas as consequências associadas, como desnutrição e problemas de desenvolvimento (Brasil, 2019).

Apesar dos benefícios inquestionáveis do aleitamento materno, iniciar e manter a amamentação não é simples. Nas últimas décadas, a banalização do uso de fórmulas e mamadeiras fez com que as técnicas e práticas relacionadas à amamentação deixassem de ser transmitidas entre as famílias. Além disso, muitos profissionais de saúde materno-infantil não foram devidamente instruídos sobre a assistência correta ao processo de aleitamento.

O aleitamento materno na primeira hora de vida é recomendado pela OMS como uma importante ferramenta para a promoção, proteção e suporte à amamentação do recém-nascido. Esse contato é crucial para a formação e estabelecimento do vínculo mãe-filho e está intimamente ligado ao aumento da duração do aleitamento materno (Halmenschlager; Diaz, 2020). Ressalta-se ainda que o aleitamento

materno na primeira hora de vida é considerado um indicador de excelência da amamentação (Rocha *et al.*, 2018).

Reconhecendo os inúmeros benefícios do aleitamento materno na primeira hora de vida, diversas estratégias foram elaboradas para promover, incentivar e apoiar essa prática. A OMS, em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), instituiu a iniciativa Hospital Amigo da Criança, que recomenda dez passos para o sucesso do aleitamento materno. Destaca-se o quarto passo, que orienta colocar os recém-nascidos em contato pele a pele com suas mães imediatamente após o parto, durante pelo menos uma hora, encorajando-as a reconhecer quando os bebês estão prontos para mamar e oferecendo ajuda profissional, se necessário (Brasil, 2008; UNICEF, 2008).

O estímulo à amamentação na primeira hora de vida traz inúmeros benefícios, como a colonização precoce por micro-organismos maternos através da ingestão do colostro, a redução de até 22% na mortalidade neonatal e a associação direta com a continuidade da prática a longo prazo (Marques *et al.*, 2020; Lezcano; Dezoti; Scussiato, 2019). Entretanto, estudos recentes mostram que, apesar dos numerosos benefícios, da efetividade e do baixo custo, a prevalência da amamentação na primeira hora de vida varia bastante. Fatores como parto cesárea, baixa renda familiar, idade materna inferior a 25 anos, baixa escolaridade materna, ausência de consultas pré-natais, parto domiciliar não planejado, falta de orientação sobre amamentação no pré-natal e prematuridade contribuem para essa variação (Ramalho *et al.*, 2019; Saco *et al.*, 2019).

A necessidade desta pesquisa emergiu da observação diária durante a assistência à amamentação prestada pela equipe do projeto de extensão “Bebê que Mama: Orientações e Cuidados em Amamentação”. Notou-se uma maior dificuldade no estabelecimento da amamentação entre bebês nascidos por cesárea e aqueles que não mamarão logo após o nascimento. Essas dificuldades frequentemente conduzem à introdução precoce de fórmula láctea artificial, bicos artificiais e à interrupção da amamentação, resultando em vários prejuízos para o recém-nascido, incluindo desmame precoce, desnutrição e problemas de desenvolvimento. Criado em 2017, o projeto de extensão tem como objetivos prestar assistência intra e extra-hospitalar a mães e bebês em processo de amamentação, além de capacitar

profissionais para uma assistência adequada. Anualmente, são atendidos cerca de 1.700 binômios mães-bebês nas enfermarias e consultório do Hospital Maternidade de São Mateus-ES, promovendo intervenções práticas e educativas que beneficiam diretamente a saúde materno-infantil.

Diante do exposto e da necessidade de gerar melhores evidências sobre a associação entre a amamentação na primeira hora de vida e a duração do aleitamento materno, justificou-se a realização deste estudo, que teve como objetivo estimar a associação entre a via de parto e amamentação na primeira hora de vida e o aleitamento materno exclusivo aos 3 e 6 meses e promover intervenções práticas e educativas que possam ser aplicadas no dia a dia durante a assistência ao aleitamento materno, beneficiando diretamente as mães e bebês atendidos, buscando soluções eficazes e sustentáveis para melhorar a saúde materno-infantil.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo do tipo coorte prospectiva, conduzido entre setembro de 2019 e março de 2020. Foram realizadas entrevistas no período pós-natal, até 48 horas após o parto, na mesma maternidade onde o projeto de extensão é conduzido, e dois acompanhamentos, aos 3 e 6 meses de vida do lactante, realizados por entrevista telefônica.

A amostra foi calculada utilizando o programa estatístico *OpenEpi*, versão 3.01, considerando uma prevalência de 45,4% de aleitamento materno aos 12 meses, um limite de confiança de 5% e um intervalo de confiança de 95%, resultando em 314 puérperas. No entanto, devido à pandemia de Covid-19, o estudo foi interrompido em março de 2020, durante o período de isolamento social e por determinação do serviço, finalizando a coleta de dados com 112 binômios mãe-bebê incluídos. Para avaliar se a amostra obtida seria suficiente para atender aos objetivos propostos, foi realizado teste de poder da amostra, considerando um intervalo de confiança de 95%, quantidade de expostos igual a 76, risco do desfecho em expostos igual a 54, quantidade de não-expostos igual a 36 e risco do desfecho entre não expostos igual a 10, que resultaram em um poder de 99,69%, demonstrando que, mesmo com a redução da amostra, o estudo teve poder suficiente para atingir o objetivo proposto.

Foram realizadas análises descritivas, com a distribuição de frequências absolutas e relativas para as variáveis de exposição (tipo de parto e amamentação na primeira hora de vida). A análise bivariada, entre as variáveis de exposição e o desfecho (amamentação aos 3 e 6 meses), foi conduzida utilizando o teste qui-quadrado. Para analisar a associação entre amamentação na primeira hora de vida e aos 3 e 6 meses, controlando para a via de parto, empregou-se a regressão de Poisson com variância robusta. Todos os testes utilizaram um nível de significância de 5% ($p<0,05$).

O estudo seguiu em conformidade com a Resolução 466/12, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Norte do Espírito Santo, sob o Parecer nº 3.502.818. O anonimato das participantes foi assegurado, e sua participação se deu mediante o reconhecimento dos objetivos da pesquisa e a partir da anuência por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS

As mulheres incluídas no estudo, que representam a população-alvo do projeto de assistência à amamentação, têm em média 26 anos de idade, sendo que cerca de 53% delas têm menos de 25 anos. Além disso, 85,72% são pretas ou pardas e apenas 10,71% possuem educação de nível superior. Aproximadamente 87% possuem renda familiar de até dois salários-mínimos, reflexo da baixa escolaridade. A maioria das mulheres teve parto cesárea (52,68%) e foram assistidas exclusivamente por médico (73,21%), conforme apresentado na Tabela 1.

A Tabela 2 apresenta as prevalências de amamentação na primeira hora de vida, aos 3 meses e aos 6 meses, de acordo com a via de parto e amamentação na primeira hora após o nascimento. Observa-se que a via de parto é um importante determinante da amamentação precoce. Entre os recém-nascidos por via vaginal, 90,34% foram amamentados na primeira hora de vida, enquanto apenas 44,07% dos nascidos por cesárea receberam amamentação nesse período. A prevalência de amamentação aos 3 e 6 meses foi superior entre as mulheres que tiveram parto vaginal, sendo de 86,79% versus 59,32% e 79,25% versus 37,29%, entre mulheres de parto vaginal e cesárea,

respectivamente. Assim como a via de parto vaginal, as crianças amamentadas na primeira hora de vida apresentaram maiores prevalências de amamentação exclusiva aos 3 e 6 meses de vida.

Variável	Número	%
Tipo de parto		
Normal	53	47,32
Cesárea	59	52,68
Sexo do recém-nascido		
Masculino	54	48,21
Feminino	58	51,79
Profissional que assistiu o parto		
Enfermeira	25	22,32
Médico	82	73,21
Enfermeira e médico	4	3,57
Desassistido	1	0,89
Idade da mãe		
<=20	23	20,54
21-25	37	33,04
26-30	22	19,64
31-35	21	18,75
>=30	9	8,04
Média: 29,19 anos (desvio-padrão: 6,47)		
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	15	13,39
Ensino fundamental completo	10	8,93
Ensino médio incompleto	22	19,64
Ensino médio completo	50	44,64
Ensino superior incompleto	3	2,68
Ensino Superior completo	12	10,71
Cor da pele autorreferida		
Amarela	1	0,89
Branca	15	13,39
Preta	17	15,18
Parda	79	70,54
Renda familiar		
Menor que 0,5 salários-mínimos	6	5,36
1 a 2 salários-mínimos	92	82,14
Maior que 3 salários-mínimos	14	12,50

Tabela 1. Características sociodemográficas e clínicas das puérperas participantes do estudo. Fonte:

Elaboração própria.

Exposição	Amamentação hora 1 N (%)	Amamentação 3m N (%)	Amamentação 6m N (%)
Via de parto	p<0,001	p=0,001	p<0,001
Vaginal (53)	50 (90,34)	46 (86,79)	42 (79,25)
Cesárea (59)	26 (44,07)	35 (59,32)	22 (37,29)
Amamentação hora 1		p=0,023	p<0,001
Sim (76)	-	60 (78,95)	54 (71,05)
Não (36)	-	21 (58,33)	10 (27,78)

Tabela 2 - Amamentação na primeira hora de vida, 3 meses e 6 meses de acordo com a via de parto. São Mateus, ES, Brasil, 2020. Fonte: Elaboração própria.

A análise bruta (Tabela 3) indicou maior probabilidade de amamentação na primeira hora de vida entre recém-nascidos de parto normal (RR = 2,14; IC 95%: 1,59 - 2,87). Essa tendência também foi observada para o aleitamento materno exclusivo aos 3 meses (RR = 1,46; IC 95%: 1,15 - 1,85) e aos 6 meses (RR = 2,12; IC 95%: 1,48 - 3,04). Mesmo após ajuste para via de parto (pois o estudo mostrou forte associação entre a via de parto e amamentação), a amamentação na primeira hora manteve associação positiva com a amamentação exclusiva aos 6 meses, aumentando em 92% a probabilidade de uma criança amamentada na primeira hora de vida ser amamentada aos 6 meses (RR ajustado = 1,92; IC 95%: 1,04 - 3,55). Essa associação não foi encontrada para o desfecho amamentação aos 3 meses (RR ajustado = 1,11; IC 95%: 0,75 - 1,64).

Exposição	Amamentação hora 1	3 meses	6 meses
Via de parto			
Cesárea	1	1	1
Normal	2,14 (1,59 - 2,87)	1,46 (1,15 - 1,85)	2,12 (1,48 - 3,04)
Amamentação hora 1			
Análise bruta			
Não	-	1	1
Sim	-	1,35 (1,00 - 1,82)	2,55 (1,47 - 4,42)
Análise ajustada para via de parto			
Não	-	1	1
Sim	-	1,11 (0,75 - 1,64)	1,92 (1,04 - 3,55)

Tabela 3 - Análise bruta e ajustada para as variáveis via de parto e amamentação na primeira hora de vida e amamentação aos 3 e 6 meses de vida. São Mateus, ES, Brasil, 2020. Fonte: Elaboração própria.

Após a conclusão da pesquisa os resultados foram apresentados à equipe da maternidade, reforçando a importância do incentivo ao parto vaginal e da amamentação na primeira hora de vida, sempre que possível, e independente da via de parto.

DISCUSSÃO

No presente estudo 32,14% dos bebês não foram amamentados na primeira hora de vida, a maior parte destes nascidos de cesárea. A via de parto vaginal e ser amamentado na primeira hora de vida esteve associado a maiores prevalências de aleitamento materno exclusivo aos 3 e 6 meses de vida, reforçando a importância dessa prática.

O Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil de 2019 (ENANI 2019) (UFRJ, 2021), evidenciou uma disparidade regional na prevalência de amamentação na primeira hora de vida no Brasil, com as regiões Norte e Sudeste apresentando os maiores e menores índices, respectivamente. Essa variação é multifatorial, sendo influenciada por aspectos culturais, socioeconômicos e, principalmente, pelo tipo de parto (Jesus *et al.*, 2022; Rocha *et al.*, 2018; Sousa *et al.*, 2020). A cesariana, em particular, tem sido consistentemente associada à menor probabilidade de início precoce da amamentação (Takahashi *et al.*, 2017; Silva *et al.*, 2018).

Os resultados deste estudo corroboram essa associação, sugerindo que a anestesia e os protocolos pós-operatórios que distanciam a mãe e o recém-nascido após a cesariana podem ser barreiras significativas para o estabelecimento da amamentação, como já apresentado em outros estudos (Sousa *et al.*, 2020; Terra *et al.*, 2020). Diante do excesso de cesáreas realizadas no Brasil, este é um importante desafio a ser enfrentado. No ano de 2022, 58% dos nascimentos ocorridos no país foram através de cesariana (Brasil, 2022), percentual muito além do recomendado pela OMS, que fica em torno de 10 a 20% (WHO, 2015).

É fundamental destacar que, na primeira hora de vida, o reflexo de sucção do recém-nascido é mais vigoroso, facilitando o início da amamentação. O contato pele a pele imediato entre mãe e filho estimula esse reflexo e favorece o estabelecimento do aleitamento materno (Sousa *et al.*, 2020). A via de parto exerce um papel crucial nesse processo. Neonatos nascidos por parto vaginal tendem a apresentar um reflexo de sucção mais ativo e a iniciar a amamentação de forma mais precoce, o que contribui para o sucesso do aleitamento a longo prazo (Paredes *et al.*, 2019; Saco *et al.*, 2019). Por outro lado, recém-nascidos de cesariana costumam iniciar a amamentação mais tarde, devido à interferência da anestesia no reflexo de sucção

e à menor oportunidade de contato precoce com a mãe (Lezcano; Dezoti; Scussiato, 2019; Palheta; Aguiar, 2021).

Os resultados do presente estudo corroboram essa evidência, demonstrando a associação entre nascimentos por via vaginal e amamentação na primeira hora de vida e, posteriormente, a manutenção do aleitamento materno exclusivo por mais tempo.

Embora a amamentação na primeira hora de vida seja uma prática recomendada, os índices ainda são baixos no Brasil (Abdala; Cunha, 2018; Antunes *et al.*, 2017). Diante desse cenário, diversas iniciativas foram implementadas para promover o aleitamento materno, como os bancos de leite, o projeto Carteiro Amigo da Amamentação, Rede Amamenta Brasil e a Iniciativa Hospital Amigo da Criança. Essas ações, em conjunto, visam criar um ambiente favorável à amamentação e ao aleitamento materno exclusivo, contribuindo para a redução dos índices de desmame precoce e mortalidade infantil (Brasil, 2008). No entanto, a implementação dessas políticas enfrenta desafios, como a pressão social para o uso de fórmulas infantis, falta de capacitação dos profissionais de saúde e a carga de trabalho das mães.

Os profissionais de saúde, em especial os enfermeiros, desempenham um papel crucial na promoção da amamentação na primeira hora de vida. Ao atuar na sala de parto, o enfermeiro pode facilitar o início da amamentação através de diversas ações, como o contato pele a pele imediato entre mãe e filho, a orientação sobre a posição correta para amamentar e a assistência na pega do bebê. O contato pele a pele, além de favorecer o vínculo mãe-filho, regula a temperatura do bebê e estimula a produção de leite materno. Ao realizar essas ações de forma humanizada e respeitando o tempo da mãe e do bebê, o enfermeiro contribui para o sucesso da amamentação e para a saúde de ambos (Abdala; Cunha, 2018; Campos, 2019; Fontoura *et al.*, 2019; Palheta; Aguiar, 2021).

No entanto, a promoção da amamentação na primeira hora de vida enfrenta desafios, como a falta de tempo para dedicar à assistência individualizada às puérperas e a falta de capacitação dos profissionais de saúde. É fundamental que os serviços de saúde invistam em capacitação continuada dos profissionais e em estratégias para superar esses desafios, como melhorias nas habilidades técnicas e de comunicação (Abdala; Cunha, 2018).

Tendo em vista as dificuldades para o início e manutenção da amamentação, o projeto de extensão ‘Bebê que Mama: Orientações e Cuidados em Amamentação’ é de grande importância para mulheres e bebês. Este projeto pode impactar significativamente a vida dessas crianças e, financeiramente, a vida das famílias, reduzindo os gastos com fórmulas lácteas artificiais em uma população de nível socioeconômico já baixo. Ao estimularmos e trabalharmos para a disseminação do aleitamento materno e assistência adequada, podemos reduzir o número de infecções e internações na infância, além de melhorar a saúde de mães e bebês. O aleitamento materno deve ser incentivado e apoiado por toda a sociedade e tratado como algo natural, embora não seja fácil, principalmente no início.

Entre as atividades exercidas pela equipe do projeto no serviço onde ele ocorre, está a assistência à amamentação logo após o nascimento, oportunizando a amamentação na primeira hora de vida e corrigindo eventuais dificuldades, especialmente nas puérperas de parto cesárea. A equipe tem ciência, baseada em dados, de que a amamentação na primeira hora de vida impacta significativamente na amamentação exclusiva aos 6 meses e, possivelmente, por mais tempo.

CONCLUSÃO

Concluiu-se, portanto, que o parto vaginal e a amamentação na primeira hora de vida foram fatores associados ao sucesso da amamentação aos três e seis meses. Desse modo, o fortalecimento e estímulo dessas ações podem remodelar o curso da amamentação em diferentes realidades. Podendo ainda contribuir para que as instituições de saúde objetivem melhorar esta prática em seus ambientes, oportunizando a conscientização da magnitude do ato de amamentar e consequentemente o alcance da meta de saúde.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, L. G.; CUNHA, M. L. C. Contato pele a pele entre mãe e recém-nascido e amamentação na primeira hora de vida. *Clinical and Biomedical Research*, v. 5, n. 3, p. 356–360, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10.15939/2018.5.3.356.pdf>

- le/10183/210480/001091458.pdf?sequence=1. Acesso em: 9 mar. 2024.
- ANTUNES, M. B. et al. Amamentação na primeira hora de vida: conhecimento e prática da equipe multiprofissional. *Avances en Enfermería*, v. 35, n. 1, p. 19–29, 2017. DOI: 10.15446/av.enferm.v35n1.43682. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002017000100003. Acesso em: 8 mar. 2024.
- BRASIL. *Iniciativa Hospital Amigo da Criança: diretrizes de ação para o SUS*. Brasília, DF, 2008. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/iniciativa_hospital_amigo_crianc_modulo1.pdf. Acesso em: 9 mar. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC). Brasília, DF, 2022. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>. Acesso em: 31 jul. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_criancas_menores_2anos.pdf. Acesso em: 31 jul. 2024.
- CAMPOS, R. S. O. T. *Implementação da amamentação na primeira hora de vida do recém-nascido na Maternidade Divino Amor em Parnamirim/RN*. 2019. Monografia (Especialização em Enfermagem Obstétrica) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/44472/1/ImplementacaoAmamentacaoRecemNascido_Campos_2019.pdf. Acesso em: 9 mar. 2024.
- FONTOURA, M. C. et al. Cuidado de enfermagem na promoção do contato pele a pele mãe-filho na primeira hora de vida. *Disciplinarum Scientia*, v. 20, n. 2, p. 485–496, 2019. DOI: 10.37777/2901. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/2901>. Acesso em: 8 mar. 2024.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). *Iniciativa Hospital Amigo da Criança: revista, atualizada e ampliada para o cuidado integrado: módulo 1: histórico e implementação*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2008.
- HALMENSCHLAGER, R. R.; DIAZ, C. M. G. Revisão integrativa acerca do aleitamento materno na primeira hora de vida. *Research, Society*

- and Development*, v. 9, n. 11, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i11.9609. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/9609/8895/137458>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- JESUS, A. S. et al. Amamentação na primeira hora de vida entre mulheres do Nordeste brasileiro: prevalência e fatores associados. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 22, 2022. DOI: 10.5216/ree.v22.58772. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/58772>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- LEZCANO, L. D.; DEZOTI, A. P.; SCUSSIATO, L. A. A importância do estímulo à amamentação na primeira hora de vida dentro da REPAI. *Anais do EVINCI-UniBrasil*, v. 5, n. 1, p. 343–343, 2019. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anais-evinci/article/view/5133>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- MARQUES, V. G. P. S. et al. Aleitamento materno: importância e benefícios da amamentação. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 10, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i10.8405. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8405>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- PALHETA, Q. A. F.; AGUIAR, M. D. F. R. Importância da assistência de enfermagem para a promoção do aleitamento materno. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, v. 8, 2021. DOI: 10.25248/reaenf.e5926.2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/5926>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- PAREDES, H. D. M. T. et al. Amamentação na primeira hora de vida em uma maternidade de referência de Macaé. *Saúde Redes*, v. 5, n. 1, 2019. DOI: 10.18310/2446-4813.2019v5n1p35-47. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1115993?src=similardocs>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- RAMALHO, A. A. et al. Fatores associados à amamentação na primeira hora de vida em Rio Branco, Acre. *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde*, v. 14, 2019. DOI: 10.12957/demetra.2019.43809. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/demetra/article/view/43809>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- ROCHA, L. B. et al. Aleitamento materno na primeira hora de vida: uma revisão da literatura. *Revista de Medicina e Saúde*, v. 6, n. 3, 2018. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/8318>. Acesso em: 9 mar. 2024.

- SACO, M. C. et al. Contato pele a pele e mamada precoce: fatores associados e influência no aleitamento materno exclusivo. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 28, 2019. DOI: 10.1590/1980-265X-TCE-2018-0260. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9Y-vtXfgqwt8thbrwKGzjSzS/>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- SILVA, J. L. P. D. et al. Fatores associados ao aleitamento materno na primeira hora de vida em um hospital amigo da criança. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 27, n. 4, 2018. DOI: 10.1590/0104-07072018004190017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/ycDnYSdRWvx8QzWyGXYPfpf/>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- SOUSA, P. K. S. et al. Prevalência e fatores associados ao aleitamento materno na primeira hora de vida em nascidos vivos a termo no sudoeste da Bahia. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, n. 2, 2020. DOI: 10.5123/S1679-49742020000200016.
- TAKAHASHI, K. et al. Prevalence of early initiation of breastfeeding and determinants of delayed initiation of breastfeeding: secondary analysis of the WHO Global Survey. *Scientific Reports*, v. 7, n. 1, p. 1–10, 2017. DOI: 10.1038/srep44868. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5359598/pdf/srep44868.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- TERRA, N. O. et al. Fatores intervenientes na adesão à amamentação na primeira hora de vida: revisão integrativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 22, 2020. DOI: 10.5216/ree.v22.62254. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/62254>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). *Aleitamento materno: prevalência e práticas de aleitamento materno em crianças brasileiras menores de 2 anos: ENANI 2019*. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2021. 108 p. Disponível em: <https://enani.nutriicao.ufrj.br/index.php/relatorios/>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- VICTORA, C. G. et al. Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos e efeitos ao longo da vida. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 25, n. 1, 2016. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v25n1/Amamentacao1.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO statement on caesarean section rates*. Geneva: WHO, 2015. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/WHO-RHR-15.02>. Acesso em: 31 jul. 2024.

DECLARAÇÕES

Contribuição dos autores

Todos os autores contribuíram igualmente para a produção deste artigo.

Financiamento

A execução deste projeto foi financiada pelo Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Espírito Santo com bolsa própria da instituição no edital 2019/2020 e o projeto de extensão financiado pelo Programa Integrado de Bolsas de Extensão da mesma instituição desde 2017.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Aprovação no comitê de ética

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Norte do Espírito Santo, sob o parecer n° 3.502.818.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Dados de pesquisa e outros materiais podem ser obtidos por meio de contato com os autores.

Editores responsáveis

Paola Pinheiro Bernardi Primo

Endereço para correspondência

Universidade Federal do Espírito Santo, BR-101, km 60, Litorâneo, São Mateus, ES, Brasil, CEP: 29932-540.